

OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS ESTADUAIS DO CEARÁ: O USO DAS TICS COMO INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO E REAFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES

OCCUPATION OF CEARÁ'S STATE SCHOOLS: THE USE OF INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES (ICTS) AS AN INSTRUMENT OF EMANCIPATION AND REAFFIRMATION OF IDENTITIES

Germana da Cruz Pereira
Aline Oliveira Viana
UFC

Resumo: Neste trabalho analisamos os discursos de portais de notícias e *fanpages* da rede social Facebook das ocupações dos estudantes secundaristas no estado do Ceará durante a greve dos professores no ano de 2016. Utilizamos como referenciais teóricos os Estudos Críticos do Discurso de Teun A. van Dijk (2015), conceitos de redes sociais na internet de Recuero (2009), de sociedade em rede e identidade de Castells (1998) e de representações sociais proposto por Sá (1998) com base nos postulados de Jodelet e Moscovici. A partir desse estudo, observamos como o uso das TICs auxiliou o movimento estudantil durante as ocupações na redefinição da identidade dos alunos como membros e responsáveis por sua formação, unidade escolar e comunidade.

Palavras-chave: Análise crítica do discurso. Representação Social. Movimento Estudantil.

Abstract: *In this work, we analyze news sites and Facebook fanpages' discourses about the high school students' occupations in the state of Ceará during the teachers' strike of 2016. We use as theoretical referentials the Critical Discourse Analysis of Teun A. van Dijk (2015), Recuero's concepts of social media in the internet (2009), Castells' net society and identity (1998) and social representations proposed by Sá (1998) based on the postulates of Jodelet and Moscovici. From this study, we observe how the use of ICTs helped the student movement during the occupations to redefine the students' identities as members responsible for their formation, school unity and community.*

Key words: *Critical Discourse Analysis. Social Representation. Student Movement.*

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2016, insatisfeitos com a gestão da educação do estado do Ceará, os professores da rede pública decidiram, no dia 20 de abril, iniciar uma greve a partir do dia 25 daquele mês a qual foi suspensa em 09 de agosto do mesmo ano. As principais pautas que motivaram a decisão pela greve foram, além de reajuste salarial, reivindicação de melhores condições de ensino e trabalho, aumento da verba para merenda escolar, realização de novos concursos públicos e ampliação da rede de atendimento do ISSEC (Órgão de Assistência à Saúde dos Servidores Públicos do Estado).

Dessa forma, percebemos que as pautas não se centraram apenas em demandas da categoria, mas foram direcionadas para uma perspectiva mais ampla sobre situações que tem impacto direto no ensino e aprendizagem como as condições de infraestrutura e a merenda escolar que motivou os alunos do Centro de Ação Integral à Criança e ao Adolescente a iniciar a ocupação da instituição como forma de apoiar o movimento grevista docente na noite do dia 28 de abril.

As pautas do movimento que teve início com essa ocupação tinham pontos em comum com a greve dos educadores: concursos para reposição do quadro de servidores da educação, aquisição de materiais de ensino, melhorias na estrutura das escolas e mais verba para merenda escolar que foi um dos pontos de maior repercussão.

As dificuldades enfrentadas por professores e alunos da rede pública não são um problema exclusivo do estado do Ceará, tampouco tiveram início nesse ano, uma vez que as greves e manifestações que buscam melhorias no ensino ocorrem com frequência, pois, apesar de conquistas pontuais, a cada ano, o ensino público segue com um perfil de desvalorização do profissional da educação que atua em condições precárias em muitas escolas o que acarreta impacto negativo na aprendizagem dos alunos.

Entretanto, nesse ano, os professores receberam um reforço nas suas reivindicações: o fortalecimento do movimento estudantil secundarista. A organização de estudantes com claro posicionamento político, postura crítica e preocupação social, é vista em diversos países e não é inédita no Brasil. Durante o regime militar brasileiro, o movimento estudantil demonstrou ser uma forma de organização social de teor crítico e emancipatório.

A partir dessas considerações, é possível perceber a relevância do tema em questão cujo objeto de análise continuaremos a delinear adiante. Ressaltamos que a educação, em uma perspectiva crítica, é elemento chave para construção de saberes e constituição do intelecto e de outros elementos da subjetividade humana. Dessa forma, é necessário que, enquanto profissionais da educação, compreendamos os atores e as forças que atuam nas atividades ligadas ao ensino a partir da análise de acontecimentos históricos e dos processos sociais que permeiam a relação aluno x professor na formação de suas identidades. Tais acontecimentos extrapolam o ambiente de sala de aula e escolar e envolvem toda a comunidade, além de agentes políticos como o governo e as entidades representativas.

Para compreender por que o apoio e a articulação dos alunos tiveram como principal estratégia as ocupações, precisamos nos voltar para o movimento estudantil chileno que desde 2006 utiliza a ocupação das instituições de ensino públicas e privadas (estas em menor número) como forma de pressionar o governo por melhores condições de ensino. A estratégia chilena obteve importantes

conquistas e, por isso, sua forma de articulação e organização inspirou estudantes de outros países da América Latina, principalmente, Argentina e Brasil.

Em um contexto nacional, no estado de São Paulo, em 2015, os alunos de escolas públicas deram início a um forte movimento que se valeu da estratégia chilena. O estopim para a ação foi o possível fechamento de 92 unidades de ensino que forçaria 300.000 estudantes a uma transferência. No ano de 2016, o movimento ganhou força e voltou à tona em decorrência de um escândalo de desvio de verbas da merenda escolar. A partir da experiência de São Paulo, alunos de outros estados insatisfeitos com as condições de suas escolas, adotaram a estratégia para se manifestar.

No Ceará, as ocupações tiveram início, como já afirmamos, durante a greve dos professores do estado e persistiu durante alguns dias depois do fim da greve docente. Identificamos nas escolas vários pontos em comum com as estratégias presentes no Chile e em São Paulo.

Uma vez estabelecido o contexto histórico e alguns elementos chaves para compreensão do fenômeno estudado, definimos como objetivo deste trabalho analisar o discurso imagético-verbal das ocupações dos secundaristas do estado do Ceará a partir dos Estudos Críticos do Discurso – ECD – de Teun A. van Dijk (2014) e do conceito de representação social de Jodelet (2001) e Moscovici (1998; 2001), identificando a reafirmação da identidade de alunos integrantes do movimento estudantil durante as ocupações. Já em Recuero (2009) e Castells (1997; 2008) os conceitos de capital social nas redes sociais na internet e de sociedade em rede, respectivamente.

Para melhor compreensão da metodologia adotada, apresentaremos nos parágrafos a seguir detalhamentos sobre as escolhas metodológicas que viabilizaram a realização deste trabalho tais como recorte temporal, *locus* e sujeitos investigados.

Inicialmente, planejamos um recorte de tempo que iria do início das ocupações até a determinação de retorno às aulas. Entretanto, limitar-nos a essa cronologia nos daria uma análise simplista, uma vez que nosso objeto de análise complexificou-se em decorrência do cenário político nacional, além de ser influenciado por causas e desdobramentos que extrapolariam o período de 29 de abril a 9 de agosto de 2016. Dentre alguns fatos, podemos citar a denúncia da Secretária de Educação do Estado do Ceará – SEDUC – que acusou 320 alunos que estavam nas ocupações de cometer crimes contra o patrimônio que ocorreu no fim de agosto e que foi arquivado no início de outubro. Outro fator que justifica a ampliação do recorte de tempo é o fortalecimento do movimento estudantil das instituições de Ensino Superior no estado que iniciou processos de ocupação declaradamente inspirados pelos estudantes secundaristas. Dessa forma, para encorpar nossa análise e para que se mantenha dentro dos preceitos dos Estudos Críticos do Discurso, ampliamos nosso horizonte temporal para a data de 20 de abril até 12 de novembro de 2016.

Desde as ocupações chilenas, as plataformas virtuais têm sido usadas como meio de articulação e divulgação do movimento estudantil. Os alunos do Chile valiam-se do blog da ocupação para manter-se atualizados sobre o andamento do movimento. Com o desenvolvimento tecnológico e o surgimento de *Smartphones* e de outros tipos de portais, as ocupações se muniram de novos meios. Dentre eles, o site de rede social virtual *Facebook* demonstra ser um importante meio de trocas discursivas, imagéticas e verbais, de portais da mídia, do governo e de grupos como os de estudantes e

professores. O portal demonstrou ser importante para o movimento grevista e estudantil, além de permitir interatividade entre estudantes, professores e sociedade em debates sobre o fenômeno. Por conta dessas características, encontramos no *Facebook* a materialidade necessária para a realização da análise proposta neste trabalho.

Para realizar o estudo da formação identitária dos estudantes e compreensão da representação social do estudante do movimento estudantil, não podemos focar apenas na forma de auto-identificação dos alunos, uma vez que a constituição identitária do grupo passa por um processo que recebe influências endógenas e exógenas (CASTELLS, 1998). Isto posto, ressaltamos que antes do início do processo de análise (conforme metodologia proposta por Sá, 1998) monitoramos as postagens dos principais jornais do estado no *Facebook*, além de *fanpages* e alguns perfis de alunos e professores a partir do que percebemos a atuação de três grandes agentes: a mídia, os alunos (individualmente e através de *fanpages* das ocupações e de agremiações) e perfis dos leitores das páginas dos jornais que engloba uma grande diversidade de pensamentos e opiniões. Dessa forma, optamos por centrar a análise nas páginas dos portais de jornais onde encontramos tanto o discurso midiático como o dos leitores e nas páginas das ocupações das escolas no *Facebook*.

Logo, optamos por monitorar, no período de tempo já explicitado, as três principais *fanpages* de portais de notícias do estado (Diário do Nordeste, Tribuna do Ceará e Jornal O Povo), analisando o texto das chamadas das publicações sobre as ocupações, os títulos das matérias e os comentários que seguem cada uma. Além delas, monitoramos também as páginas das ocupações das escolas com maior notoriedade (número de curtidas e frequência de publicações): Ocupa CAIC, Ocupa Adauto, OCUPA – Castelo Branco – 2016 e Ocupa Liceu do Ceará. A partir desse acompanhamento, selecionamos imagens de fotos publicadas, além de capturas de tela (*prints*) que servirão de base para análise e demonstração dos resultados obtidos com a pesquisa.

Para melhor organização deste trabalho, apresentaremos os conceitos norteadores de nossa pesquisa, além daqueles que serão abordados durante a análise. Posteriormente, apresentaremos a análise do material levantado, dividindo-a entre as publicações midiáticas e comentário dos leitores e as publicações das ocupações. É preciso ressaltar que essa divisão foi feita para fins de organização da apresentação da pesquisa, pois, durante a análise os discursos dos agentes enunciadores se misturam nos debates que sucedem durante os comentários.

2 IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO SOCIAL NAS REDES SOCIAIS

Para compreendermos a influência do fenômeno do movimento estudantil na identidade dos estudantes, utilizamos o conceito de representações sociais de Jodelet (2001) e Moscovici (1998; 2001).

Inicialmente, de acordo com Sá (1998), o conceito de representação social de Moscovici tinha como objetivo aplicar-se ao fenômeno ora estudado pelo teórico, entretanto, o próprio Moscovici endossa a possibilidade de utilização do conceito em outros campos de estudo como sinônimo de representações coletivas. Este conceito que adotamos para a análise extrapola a área de pesquisa em Psicologia, em que foi inicialmente cunhado, e se torna ferramenta de análise de áreas da filosofia,

antropologia, história e linguística (SÁ, 1998).

Sá (1998) ressalta também alguns aspectos a serem analisados ainda na delimitação do objeto de pesquisa. Um deles é identificar no fenômeno em estudo, os sujeitos e objetos dessa análise, aplicando a técnica que considerarmos mais adequada para a realização do estudo. De acordo com sua proposição teórica, “o sujeito social (sujeito) é sempre sujeito de alguma coisa (objeto)”. Assim, não podemos falar em representação social sem especificar a que conjunto social esse sujeito pertence. Castells (1998) chama esse sujeito social de sujeito coletivo que é constituído a partir de uma identidade individual primária que se estabelece a partir da formação da busca do indivíduo por características comunitárias de sentido que se estabelecerão ao longo do tempo e do espaço. Podemos citar, ainda, Recuero (2009) que traz o sujeito como parte integrante de uma rede social que tem como elementos básicos os atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões (interações ou laços sociais).

Para melhor determinação metodológica, Sá (1998) propõe, então, três passos para delimitação do objeto de pesquisa. O autor chama esse processo de simplificação do fenômeno, uma vez que são aproximações da realidade que, embora realizadas com critério, não constituem verdades prontas. Desse modo, conforme o termo usado por Moscovici os pesquisadores identificarão no fenômeno universos consensuais de pensamento.

A construção do objeto de pesquisa pode ser vista como um processo decisório, pelo qual transformamos conceitualmente um fenômeno do universo consensual em um problema do universo reificado e, em seguida, selecionamos os recursos teóricos e metodológicos a serem usados para a solução do problema (SÁ, 1998, p. 26).

Portanto, o primeiro passo para chegarmos à simplificação consiste em decidir como anunciar o objeto de representação, evitando confundi-lo com outros possíveis objetos próximos a ele (SÁ, 1998).

Nesse ponto, foi mister centrar a pesquisa no fenômeno da ocupação, adotando como objeto os discursos constitutivos da identidade dos estudantes do movimento estudantil secundarista do Ceará no interstício escolhido. Em decorrência disso, descartamos, para efeitos de análise, as postagens jornalísticas que tratavam apenas da greve dos professores ou falam de ocupações sem mencionar o estado do Ceará.

Posteriormente, ainda seguindo a proposição de Sá (1998), decidimos os sujeitos pesquisados. Como dito no tópico anterior, apesar de o estudo ter como foco o movimento estudantil, precisamos, para compreender a formação de sua representação social, voltar-nos para outros dois grupos: a mídia e os leitores. Afinal, como ressalta Sá (1998), encontraremos nas “manifestações discursivas e comportamentos” o conteúdo investigado e a estrutura da representação.

Por fim, deve ser determinado o contexto sócio-cultural que engloba as “práticas específicas, redes de interação, instituições implicadas e comunicação em massa acessível, etc.” (SÁ, 1998). Nessa etapa, podemos situar a pesquisa dentro do recorte histórico das ocupações dos estudantes secundaristas do estado do Ceará, cujo movimento teve forte atuação na plataforma virtual *Facebook*.

Jodelet (1984 *apud* SÁ, 1998) ressalta que existem pelo menos seis diferentes perspectivas

de estudo em representações sociais as quais identificamos durante a análise do material e que são fundamentais para o *corpus* deste trabalho, a saber:

A primeira trata de uma perspectiva cognitiva na qual o sujeito constrói sua representação a partir de uma dimensão de contexto (ocupação das escolas) e de pertencimento (estudante ativo e parte do movimento estudantil). Para Recuero (2009), o sentimento de pertencimento como decorrente do elemento relacional da interação. Nessa perspectiva Castells (1998) traz uma importante contribuição ao dividir as identidades coletivas em três modelos principais. A primeira é a identidade legitimadora que é introduzida pelas instituições dominantes como forma de entender e racionalizar a dominação frente a outros atores sociais. A segunda trata de uma identidade de resistência que decorre dos atores que estão em condições de dominação e se organizam como forma de resistência que conduz à formação de comunidades. Já a terceira é a identidade projeto que, dentro de uma perspectiva de construção cultural da qual dispõem, constroem sua identidade ou redefinem sua posição na sociedade.

A partir do segundo e do terceiro tipo de identidade propostos por Castells (1998), chegamos à segunda perspectiva de Jodelet (1984 *apud* SÁ, 1998) segundo a qual o sujeito é considerado “produtor de sentido, exprime na representação o significado que dá à sua experiência no mundo social”. A identificação dessa perspectiva ficará clara em algumas imagens que analisaremos adiante e que demonstram a reafirmação da identidade dos estudantes dentro da experiência vivenciada no fenômeno em estudo através de palavras de ordem nas postagens e símbolos expostos nos cartazes das ocupações.

A terceira perspectiva é fundamental para o instrumento metodológico que adotamos, pois reafirma a representação como forma de discurso cujas características decorrem da prática discursiva dos sujeitos situados.

Por sua vez, a quarta ressalta a prática social desses sujeitos como reflexo das “normas institucionais que decorrem de sua posição ideológica ou do lugar que ocupa”. (JODELET, 1984 *apud* SÁ, 1998).

A quinta perspectiva trata da determinação das representações a partir da troca entre grupos, uma vez que é através do desenvolvimento dessas interações que os membros se identificam com o grupo e criam representações de outros grupos.

Por fim, a sexta perspectiva de estudo em representações sociais identificada pela autora trata do âmbito mais social da representação, uma vez que, a partir dela, o pensamento do sujeito, parte de um grupo, terá suas atividades pautadas pelas determinações sociais da representação.

Essas duas últimas perspectivas ficaram evidentes em nossa análise na qual observamos que a maioria dos usuários da rede que comentaram nas publicações demonstraram situar-se em opostos: de um lado, apoiadores do movimento (geralmente estudantes e professores), do outro, pessoas que demonstravam posicionamento político conservador ou de ultra-libertarianismo que rechaçavam o caráter de serviço público da educação brasileira. Tal constatação pode ser analisada através da afirmação de Recuero (2009) que situa o conflito como inerente à interação, como reflexo comunicativo do indivíduo com seus pares na constituição de uma reflexão social e formação de capital social. Assim, esses conflitos podem fortalecer as estruturas de um sistema, aumentando a união através de uma

polarização ou antagonismo com outros grupos.

Tendo em vista que a troca discursiva e identificação da representação social estudada está na plataforma de rede social virtual *Facebook* é preciso que conheçamos alguns conceitos de rede social antes de prosseguir com a análise.

Optamos pela abordagem de Recuero (2009), pois a autora considera que as interações sociais mediadas por computador são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam nas estruturas sociais. Podemos exemplificar a afirmação da autora com o desenrolar do processo de ocupações chileno que, graças a difusão permitida pela tecnologia, teve influência nas ocupações brasileiras e forneceu instrumentos de articulação dos movimentos sociais através da comunicação mediada pelo computador, como *Facebook* e aplicações de bate-papo.

De acordo com Recuero (2009), as redes digitais de comunicação (internet) causaram grande impacto nas relações sociais contemporâneas: as formas de organização, de identidade e de mobilização social estão mudando com o advento da Comunicação Mediada pelo Computador. Entretanto, ressalta a autora, as peculiaridades desse tipo de sociabilidade devem ser investigadas não só pelo estudo da tecnologia, mas levando em conta os fatores que estão em jogo. A autora afirma, portanto, que para entender um fenômeno é necessário observar suas partes em interação e não só suas partes individualmente. Como pontua Recuero (2009, p.54):

O capital social, como vimos, pode assim auxiliar na compreensão dos laços sociais e do tipo de rede social formada através das ferramentas sociais observadas na Internet. É preciso, assim, estudar não apenas a existência das conexões entre atores nas redes sociais mediadas pelo computador, mas, igualmente, estudar o conteúdo dessas conexões, através do estudo de suas interações e conversações.

Dessa forma, analisar o discurso dos nossos sujeitos no *Facebook* justifica-se não só por ser instrumento de divulgação de notícias e de interação, mas, sobretudo, um desdobramento moderno das formas de organização da sociedade em comunidades. Afinal, “as tecnologias das quais dispomos, as de comunicação digital inclusive, são produtos de nossas próprias intenções e propósitos.” (RECUERO, 2009).

3 ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO E ANÁLISE DO DISCURSO IMAGÉTICO-VERBAL

Nosso objeto de estudo apresenta nível de complexidade e nuances que são de interesse de diversas áreas do saber, como a história, sociologia e pedagogia. Entretanto, nossa ferramenta de análise a partir dos Estudos Críticos do Discurso situa a pesquisa realizada dentro da Linguística Aplicada, embora resguarde a característica de ferramenta de uso multidisciplinar.

A linha teórica que adotamos segue o conceito de ECD de Teun A. van Dijk (2015) que os define como um movimento interessado em analisar a reprodução discursiva do abuso de poder. Tal conceito permite ao analista debruçar-se sobre diversos materiais no processo investigativo, podendo ir desde a fala à cor em uma imagem, de uma manchete jornalística ao ângulo de uma câmera.

Desse modo, utilizamos essa ferramenta de análise como instrumento para investigar a materialidade das publicações midiáticas e a interação entre atores sociais nos comentários dessas publicações. Na análise das matérias, observamos não só o texto escrito como a linguagem visual presente na escolha de imagens para a publicação. Além disso, faz-se necessário observar o uso dos mecanismos de interação da rede como o de compartilhamento, curtidos, comentários e respostas, além das reações através de *emoticons*.

Diante disso, o estudo imagético se faz importante uma vez que nos cartazes das ocupações, na composição das imagens de perfis e nas imagens de capa a análise imagética é crucial uma vez que identificamos nelas elementos que compõe a significação do texto em análise. Para Joly (1996), o analista deve analisar os significantes plásticos (como composição cores e enquadramento) e icônicos como as simbologias adotadas pelos ocupantes. A autora destaca que o estudo de palavra e imagem não pode ser dissociado, pois elas se complementam e precisam uma da outra para funcionar.

Com essas escolhas metodológicas, utilizaremos os ECD para a compreensão das relações entre estrutura social e estrutura discursiva. (VAN DIJK, 2015). Recuero (2009) traz para o debate o importante conceito de capital social é um que dentro da visão marxista é permeado por elementos como poder e conflito como um indicativo de conexão entre os pares de indivíduos nas redes sociais.

Assim, embora devemos nos ater à materialidade, em nossa análise, faremos um movimento consta de identificação das forças sociais atuantes no processo de formação da representação social dos estudantes, partindo para o contexto sócio-histórico e voltando, novamente para o texto.

4 O DISCURSO MIDIÁTICO E A RECEPÇÃO DOS LEITORES

Para a análise do discurso midiático, acompanhamos as publicações dos *fanpages* do Jornal O Povo, do Diário do Nordeste e da Tribuna do Ceará durante o período da ocupação e fizemos pesquisas das publicações desses portais no período de 20 de abril até 12 de novembro de 2016 a fim de identificar matérias que atendessem ao recorte da pesquisa.

No portal do Jornal O Povo encontramos 17 publicações que atendem ao requisito, as quais tiveram grande quantidade de interação entre comentários, compartilhamentos e *likes*. O referido portal deteve-se em noticiar fatos relacionados às ocupações, associando-as em algumas manchetes com a greve dos professores. Em alguns momentos, publicou reportagens cujo foco era a contagem de tempo da greve, ressaltando para o leitor que permanecia o impasse entre o Governo e os grevistas.

Na maioria das publicações do portal do Jornal O Povo, percebemos nos comentários a polarização de debates sendo equilibradas as quantidades de leitores que discordavam e concordavam. Tal tendência foi percebida, também, nos outros dois portais. Podemos citar como exceção à tendência a reportagem de título “Estudantes denunciam agressões policiais em escolas ocupadas”¹ cujos comentários demonstraram clamor social pelas agressões sofridas e foram, em sua maioria, solidários aos alunos.

É importante ressaltar que o Jornal O Povo foi o único em que encontramos a publicação

¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/OPOVOOnline/posts/1112481968789127>>.

sobre essa denúncia e sobre o arquivamento do processo ora aberto pela SEDUC que incriminava 320 alunos que estavam presentes nas ocupações². Na seleção de imagens que acompanhavam as postagens, percebemos o uso de imagens das ocupações em plano aberto, destacando cartazes e faixas do movimento com conteúdo de reafirmação das ocupações como “Ocupa Tudo!”.

Por sua vez, a *fanpage* do Jornal Diário do Nordeste – DN – apresentou 16 postagens sobre o assunto, sendo que destas, somente uma continha nos títulos a palavra secundarista. Além disso, o portal apresentou mais matérias sobre as ocupações durante o início e após o término que os demais, destacando em suas chamadas os prejuízos para os alunos que deveriam repor aulas durante as férias e finais de semana para adequar o calendário em contraponto ao portal do Tribuna do Ceará³ que fez uma matéria que destacava que os alunos continuavam se preparando para o Exame Nacional do Ensino Médio apesar das ocupações.

Assim como o portal do O Povo, o DN limitou-se a noticiar as ocupações e a realizar a contagem de tempo da paralisação das atividades de ensino do estado. Entretanto, em muitas de suas matérias os títulos das notícias e as imagens escolhidas chamavam atenção para a ineficiência do governo do estado nas negociações. Nessas matérias, a tendência dos comentários se direcionava para ataques ao governo do estado, insinuando o desvio de verba e outros crimes atrelados à corrupção.

Já o Tribuna do Ceará, apesar de ter apresentado apenas nove postagens que atenderam ao perfil da pesquisa, número inferior aos demais, percebemos nessas matérias um teor de reafirmação do movimento, mostrando nos títulos e conteúdos um reconhecimento do movimento estudantil e das estratégias de ocupação. Apesar disso, a tendência de polarização nos comentários se manteve. Destacamos, ainda, que a Tribuna foi a única a realizar uma reportagem do tipo documentário, publicada junto com um vídeo, na qual uma repórter do jornal passou um dia nas ocupações demonstrando as atividades e a forma de organização e também sobre a visita do cantor paulista Criolo na ocupação da escola Adauto Bezerra.⁴

A fim de exemplificar as tendências encontradas nos comentários, escolhemos um assunto que foi noticiado nos três portais para demonstrar a tendência de polarização dos debates ensejados pelas notícias. O fato escolhido foi a notícia de que 320 alunos foram indiciados pelo cometimento de crimes contra o patrimônio.

É necessário atentar para os elementos que compõem a interatividade de leitores e portais. No *Facebook*, os comentários das publicações podem ser visualizados em ordem cronológica de postagem ou por nível de importância, assim, os comentários com maior quantidade de respostas e curtidas ficam em evidência para os leitores. Outro ponto importante é a interação através do *feedback* mecânico em relação à publicação: o usuário tem a opção de expressar as reações de “Curtir, Amei, Haha, Uau, Triste e Grr”. Essas reações utilizam figuras de linguagem como onomatopeias (Haha e Grr), interjeição (Uau) e léxicos com valor semântico gradativo (curti, amei, triste) para expressar as sensações

² Disponível em: <<https://www.facebook.com/OPOVOOnline/posts/1168804776490179>>.

³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/tribunadoceara/posts/1015173875243474>>. Acesso em: 27 maio 2017.

⁴ Disponíveis em: <<https://www.facebook.com/tribunadoceara/videos/1024429240984604>> e <<https://www.facebook.com/tribunadoceara/posts/1027459240681604>>. Acesso em: 27 maio 2017.

oriundas da reação do leitor. Além disso, ao divulgar o link das matérias, o portal realiza comentários sobre o assunto.

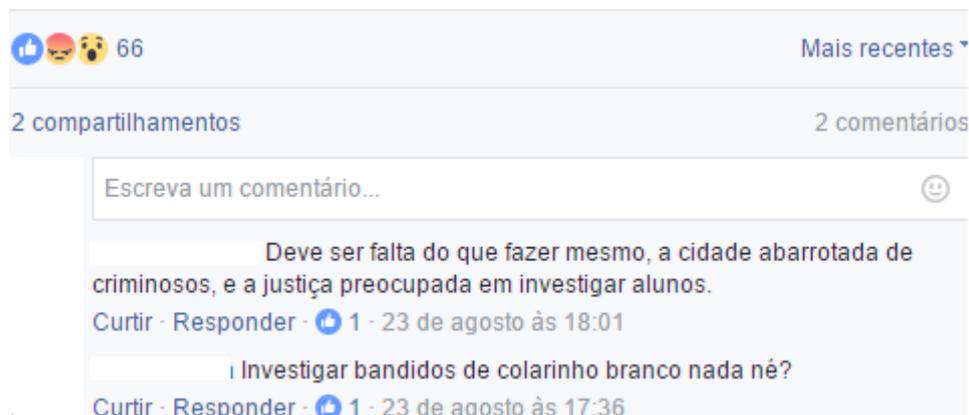
Ao observarmos essas características, notamos que na Figura 1, prepondera a curtida que geralmente denota uma simples apreciação da leitura ou uma maneira de informar que o conteúdo foi visto. A postagem teve um grande número de interações de compartilhamento, curtidas e comentários. Dentre as reações do leitor, tornou-se evidente o repúdio à notícia com a expressão de raiva, seguido pelo “amei” que demonstra a ânsia dos leitores pela criminalização dos estudantes. Juntamente com a postagem, o administrador do portal publicou o seguinte comentário: “Processo instaurado atende a uma denúncia criminal da Secretaria da Educação do Ceará. Defensor público vê a ação como uma “retaliação” e “intimidação” aos alunos. #opovo”. Vemos, na chamada, um exemplo do antagonismo presente nas opiniões dos leitores nas publicações analisadas que foi observado, também, nos comentários desta.

Figura 1 – Comentários sobra a notícia: “Mais de 300 estudantes em investigação da Polícia Civil sobre as ocupações”



Fonte: Portal Jornal O Povo no *Facebook*, publicação do dia 23 de agosto de 2016. Disponível em <<https://www.facebook.com/OPOVOOnline/posts/1131334993570491>>. Acesso: 27 maio 2017.

Figura 2 – Comentários sobre a notícia “Estudantes da Rede Estadual são investigados após ocupações”



Fonte: Portal Tribuna do Ceará no Facebook, publicação do dia 23 de agosto de 2016. Disponível em <<https://www.facebook.com/tribunadoceara/posts/1087796374647890>>.

De acordo com van Dijk (2015), as condições e consequências sociais da escrita e da fala, são compatíveis com interesses de grupos sociais que são o foco das pesquisas em ECD. Assim, percebemos que nesse processo de embates nos comentários, as falas dos leitores trazem à tona discursos que os situam entre grupos de ideias conservadoras e grupos de apoio à mobilização cujos integrantes, em sua maioria, identificavam-se como professores e alunos, o que evidencia a polarização nesses discursos.

Já na figura 2, cuja chamada foi “Mais de 300 estudantes estão sendo investigados por dano ao patrimônio público”, tivemos poucas interações nas quais preponderaram a reação de curtir, raiva e espanto. Nos comentários, também não vimos uma tendência de culpabilização dos estudantes. Salientamos que o portal da Tribuna foi o que mais destacou o movimento estudantil, atrelando-o a uma mobilização de cunho político e organizado.

Salientamos, aqui, também, a constatação que tivemos no levantamento do teor das publicações e comentários que acompanhavam as publicações do DN que centravam suas manchetes entre a oposição do governo e os grevistas e deixaram as ocupações em segundo plano, tratando-as como um evento sem força de construção de capital social.

Portanto, analisamos a escolha editorial do DN a partir da Charaudeau (2007) que afirma que o acontecimento não é noticiado em forma bruta pelo jornalismo. Toda a escolha de assuntos, léxico e imagens passa por uma série de escolhas editoriais antes de chegar ao receptor o qual, por sua vez, concluirá o processo de construção de sentido à notícia. A cobertura de um mesmo movimento ganhou enfoques diferentes de acordo com o portal que noticiava e o direcionamento dado pela matéria também direcionava os leitores. Dessa forma, podemos entender o processo de reações às chamadas e da forte tendência de polarização.

Van Dijk (2015) afirma que as elites simbólicas detêm o controle do discurso e o controle do contexto e a partir disso realizam o controle da mente do público. Recuero (2009) fala das autoridades de notícias dentro das redes sociais as quais detêm, dentro do ambiente virtual, um valor que lhes dá poder de influência que afeta as interações e de influenciar na reputação dos demais atores sociais,

como podemos notar na construção discursiva da mídia na identidade do movimento estudantil.

Os diálogos que sucedem entre os antagonistas nos debates que observamos não tem um teor construtivo e argumentativo, uma vez que, a cada comentário do mesmo leitor, ainda que em resposta a diferentes afirmações, evidenciam-se diversas formas de expressar o mesmo conteúdo, como uma tentativa de convencimento e a busca pela aprovação que almeja em forma de curtidas e respostas favoráveis.

Dessa maneira, percebemos que a mídia pode influenciar a opinião pública através da escolha léxica e do tipo de notícia que seleciona postar. Esses, quando se tratavam de alunos e professores buscavam defender os estudantes, entretanto, raríssimos casos de leitores não vinculados aos movimentos grevistas e estudantis demonstravam forte oposição. Em muitas oportunidades, os leitores contrários, ao serem respondidos, persistiam na defesa de suas ideias, argumentando que o movimento não era legítimo. Ficou claro, também, em várias oportunidades que não se identificavam como alunos e professores desconheciam a ocupação como estratégia de reivindicação. Muitos comentários mandavam os alunos irem às ruas protestar ou falavam dos prejuízos gerados para os demais estudantes que estavam sem aula, demonstrando uma análise imediatista (uma vez que os alunos buscavam pressionar o governo por melhorias de longo prazo) e ainda desconhecimento das estratégias de ocupação que incluem em sua agenda aulas, oficinas e debates.

5 A REVOLTA DAS CANETAS

Neste tópico, analisaremos de que forma os estudantes do movimento estudantil constroem sua identidade a partir dos perfis das páginas: Ocupa CAIC, Ocupa Adauto, OCUPA – Castelo Branco – 2016 e Ocupa Liceu do Ceará. Nesta análise, consideramos a foto de perfil, fotos de capas, publicações da linha do tempo, incluindo textos, fotografias, vídeos, eventos e compartilhamentos de publicações de outras páginas.

Percebemos que nas fotos de capa figuraram imagens das ocupações de cada escola, em plano aberto, nas quais havia faixas e cartazes com palavras de ordem, nas fotos de perfis, encontramos uma imagem com texto com o nome da escola ou brasão (no caso da ocupação do Colégio Castelo Branco). O nome dos perfis é precedido pelo termo “OCUPA” seguido pelo nome ou sigla da escola.

Ao longo do período de ocupações, o número de escolas ocupadas alcançou a quantidade de 62 instituições educacionais da capital e do interior. Como falamos na introdução, a influência das ocupações foi evidente. Algumas das escolas, nos eventos promovidos, exibiram filmes sobre a ocupação chilena, pois como salienta Recuero (2009), as tecnologias influenciam diretamente, também, nos movimentos sociais.

Foram realizadas diversas ações como forma de fortalecimento e divulgação do movimento, como “twittaços” e “cadeiraços” (utilizando a nomenclatura dos eventos convocatórios). Ambas as estratégias tinham como intenção chamar atenção e ocupar massivamente um espaço, no caso do “twittaço” o espaço virtual da rede social Twitter, enquanto os “cadeiraços” tinham como objetivo bloquear a avenida mais próxima da escola.

Percebemos ainda ao analisar as imagens, pontos comuns com registros das ocupações chilenas, como as cadeiras que bloqueavam portas e passagens. As páginas também divulgavam programações de aulões, oficinas e outros eventos que ocorriam nas escolas. Nos comentários e no texto dessas publicações, percebemos que os alunos manifestavam o anseio por novas formas de ensino, que integrassem a comunidade e fugissem dos métodos tradicionais, inclusive com a abordagem de temas diferenciados como mecânica de bicicletas e jardinagem. Além desses eventos, os alunos também compartilham diversas ações como limpeza da escola, reformas, pinturas e decoração.

Como ampliamos o tempo da análise, percebemos que as páginas seguem ativas, compartilhando estratégias de ocupações e promovendo ações nas escolas mesmo não estando ocupadas. Por exemplo, a página do OCUPA – Castelo Branco – 2016 que relatou, junto com fotografias, o levantamento de lâmpadas quebradas da escola cuja ocorrência será passada para a direção através de relatórios. Na publicação, a página convoca alunos, ex-alunos e comunidade para participar das ações. O OCUPA – Adauto, segue com publicações de teor semelhante e tem compartilhado eventos em apoio às ocupações da Universidade Federal do Ceará cujos alunos afirmam que ter como base e inspiração o movimento estudantil secundarista. Essa interação entre o movimento estudantil de nível médio e superior sinaliza um fortalecimento do movimento.

Figura 4 – Foto da Ocupação da Escola João Matos



Fonte: Portal Brasil de Fato. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/08/25/bolacha-suco-e-cadeia-a-repressao-dos-secundaristas-do-ceara/>>. Acesso em:

Figura 5 – Captura de Tela Publicação OCUPA Aداuto



Fonte: Página Ocupa Aداuto. Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaAداuto/posts/1605336836462293:0>>. Acesso em:

Durante o período de análise, vimos poucas publicações com comentários e reações negativas. O público das páginas, em sua maioria, era composto por alunos, professores, pais e apoiadores. Entretanto, talvez por ser uma das escolas que estava em maior evidência nas redes sociais e mais próxima de centros comerciais e urbanos, a ocupação da Escola Aداuto Bezerra sofreu diversos ataques de pessoas contrárias ao movimento.

Na publicação que vemos na Figura 5, a página se encarrega de selecionar e responder alguns desses comentários. Percebemos nessa imagem um momento de redefinição da identidade dos estudantes, com a atuação de sujeitos definidores de sua representação social. Enquanto os comentários os taxam de “vagabundos” e usam o termo “radicais politizados” como ofensa, a página dos alunos refuta esses comentários, ressaltando as motivações e legitimidade do movimento. Nos comentários dessa publicação, há uma aluna que comenta, ratificando o posicionamento da página “Radicais politizados – SIM”. Isso demonstra como os alunos se autodefinem, tendo no termo uma visão de aspecto crítico e de força, enquanto para outros grupos o termo tem um teor de baderna ou marginalidade. Ao nos voltarmos para as perspectivas propostas por Jodelet, vemos que os leitores não ligados às ocupações integram um grupo dividido que não reconhecem a autonomia o posicionamento político dos estudantes como legítimo.

Ainda nos comentários que seguiram nessa publicação, da mesma forma que observado na análise do discurso midiático, aconteceu um embate entre contrários e apoiadores. Os comentários

contrários juntaram-se na tentativa de deslegitimação das falas dos estudantes, enquanto diversos alunos, também, agruparam-se, discursivamente, para rebater os comentários. Como afirma Recuero (2009), as redes sociais apresentam um suporte mútuo que decorre de interesses homogêneos dos participantes o que pode aumentar a sensação de empatia, compreensão e suporte. Assim, grupos coesos que compartilham o mesmo interesse, demonstram a característica de comunidade das *pages*.

6 CONCLUSÃO

Buscamos, neste trabalho, considerar as relações sociais em jogo nas trocas discursivas, atendo para as particularidades da plataforma do *Facebook*, lembrando, sempre, que aqueles sujeitos integram uma comunidade real e integram diversos grupos, entretanto, que se manifestam dentro de uma lógica de pertencimento. Para Recuero (2009), o capital social se forma através da interação dos indivíduos que investem tempo para os diálogos e discussões nas redes. Com essa prática, a repetição tende a fortalecer os laços existentes entre os membros dos grupos.

Observamos, ainda, que essa formação crítica propicia aos alunos uma tomada de posição problematizadora e que o uso do ambiente virtual para fortalecer o movimento estudantil contribuiu para a reafirmação de suas identidades como membros e responsáveis por sua formação, unidade escolar e comunidade.

Dentro da perspectiva de Castells (1998) podemos situar os alunos em um grupo identitário de resistência a caminho de um grupo de identidade projeto, uma vez que, apesar da auto-identificação dos estudantes do movimento estudantil, outros grupos sociais atuam como força contrária para o reconhecimento da representação social dos estudantes dentro de uma perspectiva crítica e engajada, situando-os como criminosos ou vadios.

Ficou evidente, também, o desconhecimento da legitimidade da ocupação como instrumento de manifestação popular, apesar de ser uma estratégia de visibilidade na América Latina e ligada a outros acontecimentos históricos nacionais. Diante desse cenário, enquanto pesquisadores ligados à educação, é essencial que continuemos a acompanhar os processos de construção, reafirmação e ressignificação das representações sociais, bem como o delinear das identidades de grupo que se constituem não mais apenas na realidade aparente, mas que tem nuances ubíquas proporcionadas pelas plataformas virtuais de interação social. Não se pode perder de vista que as vivências no ambiente virtual têm forte impacto na forma como o aluno se posiciona em sala de aula, na expectativa que ele tem em relação ao ensino e na maneira como se relaciona com a comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, M. *El Poder de la Identidad*. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.

JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 2008.

RECUERO, R *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SÁ; C. P. de. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2015.

Germana da Cruz Pereira

Docente do setor de Língua Espanhola e Prática de Ensino da Universidade Federal do Ceará, com doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará e mestrado em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, desenvolve pesquisas em Intersemiose e Estudos Críticos do Discurso. Iniciou sua trajetória acadêmica cursando Licenciatura em Letras com habilitação Português/Espanhol pela Universidade Estadual do Ceará (2005), onde foi bolsista do Núcleo de Línguas Estrangeiras. Tem experiência na área de Letras e interesse por pesquisas relacionadas a: Discurso das mídias, Tradução Intersemiótica e Formação de Educadores.

Aline de Oliveira Viana

Possui graduação em Gestão da Qualidade pela Universidade Federal do Ceará (2015). Atualmente é Assistente em Administração da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará e estudante de graduação em Letras, além de membro do Grupo de Pesquisas em Narrativas Multimídia.

Enviado em 01/03/2018

Aceito em 02/04/2018.